

**PAB 151**  
**BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL**  
A mais Antiga Publicação Contínua de Dianética e Cientologia

**De L. RON HUBBARD**

Via Gabinete de Comunicações Hubbard  
35/37 Fitzroy Street, London, W. 1.

1 de Janeiro de 1959

**AUDIÇÃO SIMULADA**  
**Passo Quatro - Manejo de Originações**

Compilado a partir de material de pesquisa e de conferências gravadas de L. Ron Hubbard

A quarta coisa que um auditor tem que fazer (por esta ordem) é manejar uma originação do preclaro. É realmente verdade que quando está a manejar processos de Tom 40, não maneja as originações do preclaro. Mas se olhar para a carta de HCA/HPA descobrirá que estes processos Tom 40 **são** uma minoria entre os processos, e que *em todos os processos que não são de Tom 40 as originações do preclaro são manejadas*. Lembre-se disto. Não se deixe dissuadir. Se está a manejar Tom 40, o qual é apenas postulado puro e positivo, é claro que não está preocupado com a opinião de ninguém, originações, estado ou qualquer outra coisa. Você quer simplesmente que ele faça certas coisas, e ele descobre que a sua beingness pode ser controlada e que, portanto, ele pode controlá-la.

O que é que queremos dizer com originações do preclaro? Ele diz espontaneamente algo, e, você sabe que isto é um sinal de caso muito bom, o facto de a pessoa dizer alguma coisa sua? Um auditor veterano usava isto como índice de caso. Ele dizia: "Este sujeito não está a melhorar. Ainda não originou coisa alguma". Está-se mesmo a ver, ele não tinha originado... não tinha originado uma comunicação. Sabia que esta coisa de originar uma comunicação é a coisa mais difícil de levar uma organização a fazer?

Na verdade você pode trabalhar no sentido de levar um preclaro a originar uma comunicação, a despeito do facto de pouco tempo antes estar a fazê-lo percorrer processos Tom 40. Ele originou a comunicação de que sentia os braços e pernas como se fossem cair, e você disse: "Dá-me a tua mão... obrigado". O preclaro diz: "Agora é a minha cabeça que se vai soltar! Sei que ela vai rolar pelo chão!"... Auditor: "Dá-me a tua mão... obrigado". Bom Tom 40. Porém, no controlo da pessoa, os dois primeiros processos são tom 40, mas a Mímica do Livro e o processo seguinte pela linha acima, Mímica de Mão no Espaço, não são Tom 40, e as originações do preclaro não só são manejadas, mas encorajadas.

Portanto lembre-se de que não perdemos de vista, na galáxia de processos, o facto de o preclaro estar bem na medida em que puder originar uma comunicação. Isso significa que ele pode ser Causa sobre a fórmula de comunicação. E este é um ponto desejável para ele atingir. Ao controlar as pessoas estamos apenas a mostrar-lhes realmente que podem ser controladas, que é possível os seus haveres serem controlados. Depois eles acabam por decidir que estes são controláveis, que as pessoas são controláveis, e que as coisas são controláveis, e que os seus corpos são controláveis, e dizem: "Maravilhoso! Olha, vou tentar!". Antes disso nem sequer tentaram.

Por conseguinte, estamos a controlar os haveres, ou o corpo de uma pessoa, só até que

ela própria decida também participar. Então ela descobre que o controlo é possível. Mas a maioria das pessoas não faz originações. Os circuitos originam, os computadores originam, os efluxos compulsivos originam. E quando começa a usar Tom 40 sobre uma pessoa, você observará aparentemente originações, mas não são originações, são restimulações a serem dramatizadas. Há uma grande diferença entre uma restimulação dramatizada e uma originação. Consiste de ter ou não sido dita pelo theta. *Ele* disse-o, ou foi apenas um circuito a entrar em ação? Bem, você pode pôr circuitos em funcionamento e realmente dar-lhes existência, e ver que não são originações.

Mas quando uma originação surge em qualquer coisa que não seja um processo Tom 40, maneje-a. E deve manejá-la bem e de uma forma concludente. Há preclaros a quem aconteceram coisas espantosas, cosas essas que tentaram comunicar ao auditor, falharam em dizer-lo, mergulharam em apatia e saíram de sessão logo a seguir porque a sua originação de comunicação não foi manejada corretamente pelo auditor. Há exemplos disto, e muitos. Os processos Tom 40 não violam particularmente isto. A compreensão pelo preclaro do que eles são toma lugar muito rapidamente, e ele não espera que o faça. Mas se ele se promoveu a ser humano e está a chegar a esse nível, ele origina alguma coisa e você lhe responde, agora é capaz de lhe contar as coisas mais espantosas. E se você não as manejá ele pode cair em apatia em relação a todo o assunto.

Portanto tem que as manejá bem, porque são sempre inesperadas. Eu diria que o facto de ser inesperada deveria fazer parte da definição de originação, porque, com frequência, não tem nada a ver com o assunto, toma-o a si totalmente de surpresa e não é nada do que você esperava que ele dissesse. O sujeito diz: "Hum. Estou três metros atrás da minha cabeça!" Bem, o que é que você faz? Nos velhos tempos poderíamos logo ter passado para a Rota Um, mas hoje não o fazemos: manejamos a originação. (A propósito, isto era uma velha frase técnica: "Ele fez Q&A". Por outras palavras, ele fez o que o preclaro fez. Cada vez que o preclaro mudava, o auditor mudava. Isto é o crime mais mortífero em audição. O preclaro muda porque está a receber processamento e o auditor muda o processo. Q&A: o preclaro mudou, o auditor mudou. Bem, não é isto que se faz.) Ele diz: "Sabe? Toda a parte de trás da minha cabeça está a arder". Em tempos poderíamos ter manejado isso. Poderíamos ter entrado no jogo e dizer: "Oh, isso é muito bom". Tínhamos finalmente obtido um somático nesse sujeito e tê-lo-íamos manejado de uma forma ou de outra, tê-lo-íamos interrogado sobre isso e teríamos auditado a coisa. Mas descobrimos que isso colava as pessoas na banda do tempo, portanto já não o fazemos. O que fazemos então quando ele diz: "Toda a parte de trás da minha cabeça está a arder"? Ignoramo-lo? Bem, se estivermos a percorrer um processo Tom 40 ignoramo-lo. Mas se estamos a auditar qualquer outro processo dos muitos que existem nos CCHs, *manejamos a originação*. E um auditor que não foi treinado a fazer isto encontrar-se-á com frequência muito embaraçado.

Mas, e neste mundo a fugir, o mundo que é ambulante e que anda às voltas, à roda, calma ou ruidosamente, conforme os casos?. Alguma vez tem que se lhe manejá uma originação? Bem, atrevo-me a dizer que cada discussão em que entrou foi porque não manejou uma originação. Cada vez que você teve problemas com alguém, pode procurar a origem na linha que não manejou. Se uma pessoa chega e diz: "Ena! Passei com as notas mais altas de toda a escola" e você responde: "estou cheio de fome. Não deveríamos ir comer?", encontrar-se-á numa zaragata. A pessoa sente-se ignorada. Originou uma comunicação para que lhe provasse que estava ali e era sólida. A maioria das crianças fica frenética com os pais quando estes não manejam corretamente as suas originações. Para manejá uma originação basta dizer à pessoa: "Muito bem. Ouvi-te. Estás aí". Pode dizer-se que é uma forma de acusar a receção, mas não é, é a fórmula de comunicação ao contrário, pois o auditor continua a manter o controlo se manejá a originação, de contrário a fórmula de comunicação sai do seu controlo e ele fica no ponto efeito e não no ponto causa. Um auditor continua no ponto causa.

Portanto vamos rever isto. O manejo de uma originação tem grande utilidade, e até há pouco

tempo era o passo menos fixo em Cientologia. Como se maneja uma originação? Finalmente descobrimos. Eu próprio tive finalmente uma cognição. Tentei durante muito tempo comunicar isto às pessoas, mas elas continuavam a errar ocasionalmente. E finalmente encontrei alguma coisa que parecia de facto comunicar.

Existem três passos para manejar uma originação. Eis o esquema. O preclaro está sentado na cadeira, e o auditor está sentado em frente do preclaro com o auditor a dizer: "Os peixes nadam?" ou "Os pássaros voam?" e o preclaro diz "Sim". Aqui entra o fator. "Os peixes nadam?" O preclaro não responde. Os *peixes nadam?* e o preclaro diz: "Sabe, o seu fato está a arder", ou, "Estou três metros atrás da minha cabeça" ou, "É verdade que todos os gatos pesam 1,8 quilos?" Está a ver, wog, wog, wog... de onde veio isto? Bem, embora habitualmente se trate de circuitos, ou coisa que o valha, em ação, quando está tão longe do assunto, é no entanto uma originação. Como se maneja? Bom, você não quer que o preclaro saia de sessão, e sairia se o manejasse mal, por isso (1) responde; (2) mantém ARC (não perde tempo com isso, mas mantém ARC); e (3) retorna o preclaro para o processo. Um, dois, três. E se perder muito tempo em (2) estará a errar.

O que é uma originação? Muito bem, ele diz: "Estou três metros atrás da minha cabeça". É uma originação, e o que é que deve fazer com ela? Bem, deve responder-lhe. Neste caso particular, dir-lhe-ia qualquer coisa do tipo: "Ah, sim?" (significa algo como, "Ouvi a comunicação; causou efeito em mim"). Agora, para manter ARC pode economizar o segundo ponto *se* manejar o terceiro com suficiente habilidade. O menos importante é o segundo, mas a coisa mais perigosa que você pode fazer é negligenciar por completo essa segunda parte de manter o ARC. Isso é mortal. Mas pode passar isso por alto se realmente o empurrar para o terceiro ponto, isto é, devolvê-lo à sessão. Portanto ele diz: "Estou três metros atrás da minha cabeça". E você diz: "AH, SIM???" (O que ele disse causou mesmo impacto, sabe?) Ele está muito falador acerca disso... não tem a certeza do que seja. Você diz-lhe: "Ah, sim?", e o sujeito responde: "Sim".

"Bem!" diz você. "O que é que eu disse que fez isso acontecer?"

"Oh, disse 'Os pássaros voam?', eu pensei em mim como um pássaro e acho que é assim, mas estou três metros atrás da minha cabeça".

"Bem, isso é muito comum", diz você; tranquilize-o, mantenha ARC. "Agora, qual era a pergunta de audição?"

"Perguntou-me 'Os pássaros voam?'"

E você diz: "Isso mesmo. Os pássaros voam?" De novo em sessão, está a ver?

Não pode fazer isto: não pode meter isto numa lata e colar-lhe um rótulo a dizer *É assim que se faz sempre*, porque há sempre alguma coisa peculiar, mas pode dizer-se que estes três passos são os que são seguidos.

Vou dar-lhe outro exemplo. Você diz: "Os pássaros voam?" e ele responde: "Tenho uma dor de cabeça que me cega".

"Oh, a sério?" diz você. "Está a incomoda-te demais (isto é ARC) para continuar a sessão?" (E com isto alcançou o ponto três imediatamente)

"Oh, não, mas é bastante forte".

"Bem, vamos continuar com isto, de acordo?" diz você. "Talvez isso ajude (mantendo ARC)".

Ele diz: "Está bem, e já estamos de novo no processo: "Os pássaros voam?"

Um dos melhores truques nisto é: "O que foi que na minha pergunta te fez lembrar isso?" O sujeito diz: "Bem, foi isto e aquilo". Explica-lho e você diz: "Bom. Os pássaros voam?" e lá ele está de volta à sessão.

Três partes, e, é a coisa importante... você tem que aprender a manejar estas coisas.

Ao mesmo tempo que fazemos isto podemos tomar-nos muito mais complicados, particularmente perto do fim da sessão, tentando apenas estabelecer uma ponte de comunicação de "Os pássaros voam?" para "Os peixes nadam?", e de "Os peixes nadam?" de volta para "Os pássaros voam?". Uma ponte de comunicação é uma coisa muito fácil. Encerra simplesmente o processo que está a percorrer, mantém ARC e abre o novo processo em que vai entrar. Se pudesse olhar para isto como dois Vs, com os vértices voltados um para o outro, observaria que um processo que tem estado a percorrer é reduzido a nada facilmente por gradientes. Você diz: "e se percorrêssemos isto mais três ou quatro vezes, e depois o abandonarmos, Okay?" Damos-lhe um aviso, está visto, de que vamos encerrar o processo, e de facto percorrê-lo mais três ou quatro vezes, depois perguntamos: "Como é que vais?" (A propósito, nunca lhe perguntamos "Como te sentes?" pois isto faz as-is de havingness). Dizemos: "Como vais?" e ele responde: "Menos-mal" e assim por diante. "Bem, aconteceu alguma coisa enquanto percorrias 'Os peixes nadam?'" E ele diz: "Não sei. Obtive um bocadinho de realidade. Senti-me como um peixe durante uns momentos". O Auditor diz: "Como te sentes em relação a isso?" e por aí fora. "Está tudo bem? Estás a andar bem agora?" O preclaro diz: "Menos-mal". Você diz: "Okay. Vamos passar para 'Os pássaros voam?' É um processo interessante que se faz assim: Eu pergunto 'Os pássaros voam?' e tu respondes-me. Que tal percorrermos isso?" E ele diz: "Okay, está bem". Estabelece o acordo de novo e lá vamos nós. Na verdade, há três contratos de uma assentada. O primeiro contrato é para parar o processo que estava a ser percorrido: o contrato seguinte é: estamos numa sessão de audição, e ligamos isto com a continuidade da sessão de audição; e o terceiro é simplesmente: temos um novo processo que gostaríamos de percorrer e quero que assines nesta linha tracejada em como o vais percorrer. Isto na verdade é uma ponte de comunicação. A razão pela qual fazemos isto é não sobressaltar o preclaro com mudanças, pois cada vez que mudarmos com rapidez numa sessão deixamos o preclaro preso na sessão. Damos-lhe um aviso, e é para isso que serve a ponte de comunicação.

Contudo, o manejo de originações é o mais importante. Aprenda como manejar originações e nunca será apanhado de surpresa por um preclaro. Estará aí pronto a apanhar a bola, e a sessão prosseguirá. Eu vi um auditor sentado com a boca aberta durante vinte ou trinta segundos depois de um preclaro lhe ter dito algo de fantástico. Ele não sabia simplesmente o que fazer. Bom, responda, mantenha ARC e reponha o preclaro em sessão.

L. RON HUBBARD  
Fundador

Trad ML:JP:RK:ml